



5

OSEIAS A MALAQUIAS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5



O Livro de
SOFONIAS

H. Ray Dunning

Introdução

A. O Profeta

Nosso escasso conhecimento de Sofonias limita-se à informação dada na profecia que leva seu nome. Três outros homens no Antigo Testamento tinham o mesmo nome, que significa “Jeová esconde”. Existe uma característica exclusiva no breve esboço biográfico apresentado em 1.1. A genealogia é remontada por quatro gerações até chegar a Ezequias. Ao considerar que semelhante árvore genealógica é bastante rara, a maioria dos estudiosos concorda que este é o rei Ezequias e que, portanto, Sofonias era da linhagem real. Há outras evidências desta descendência nobre: o profeta era cidadão de Jerusalém (1.4); mostra pouca preocupação com os pobres; não hesita em denunciar a família ou casa do rei, embora poupe o monarca.¹

Identificamos um problema. O título do livro data a pregação de Sofonias no reinado de Josias, que era da casa de Davi; mas era a quarta geração depois de Ezequias, ao passo que Sofonias era a quinta. Este problema é normalmente resolvido, ao observarmos que o costume de casar-se muito jovem podia ocasionar esta diferença ao longo das gerações.

O ministério de Sofonias ocorreu durante o reinado de Josias, mas resta determinar a qual parte se refere. Este governo é dividido em duas partes: antes da descoberta do Código Deuterônômico, em 621 a.C., e após este fato. O conteúdo do livro indica a primeira parte. Sofonias pregou provavelmente entre 638 a.C. e 621 a.C.

Isto torna o profeta contemporâneo de Jeremias e antecessor de Naum e Habacuque. No cânon, seu livro é posicionado depois deles, porque ele “tinha a última palavra. Naum e Habacuque estavam quase que totalmente absortos com a época que se encerrava, ao passo que ele tinha uma visão do futuro”.²

Sofonias é bem menos original que alguns dos outros profetas. Pelo que entendemos, foi muito influenciado por Isaías, que gozava de situação similar no que tange à posição na corte e relação com a realeza. Talvez fosse conselheiro de Josias. Mas quando o livro da lei foi descoberto, o rei se voltou para a profetisa Hulda e não para este profeta (2 Rs 22.8-20). Identificamos na pregação de Sofonias certo indício da influência de Amós, profeta do século VIII a.C.

A mensagem de Sofonias, como a maioria dos profetas, é moldada pela situação em que vivia. Por isso, precisamos considerar minuciosamente a sua época.

B. A Situação Política

Em Judá, o longo reinado de Manassés foi marcado por trevas espirituais. Essa cortina espessa permaneceu durante o curto reinado de seu filho, Amom, que conseguiu manter-se no trono só por dois anos.

O poder assírio começava a cambalear mesmo durante sua maior expansão sob o reinado de Assurbanipal. As últimas vezes que o exército deste império pisou na Palestina ocorreram em 655 e 647 a.C., e, mesmo assim, seu rei não tentou reconquistar o Egito

que havia se revoltado. Com a morte de Assurbanipal em 626 a.C., as coisas começaram a se desdobrar rapidamente e, em 612 a.C., Nínive ficou em ruínas com o ataque combinado dos medos e babilônios (cf. introdução de o livro de Naum).

Foi durante este período que a soberania da Assíria enfraqueceu-se, e o poder do Egito se fortificou. Nessa ocasião, os egípcios conseguiram estabelecer um baluarte na Ásia ocidental, na fortaleza de Carquêmis, até serem desalojados pelos caldeus em 605 a.C. Aí chegou a vez de os babilônios se firmarem como poder mundial.

Outro fator significativo para compor a pregação de Sofonias foi o surgimento dos bárbaros procedentes do Norte conhecidos por citas. Eram tribos violentas e sanguinárias, “compostas de pessoas negras e férteis em destruição”. Provenientes da região caucasiana, espalharam-se pela Ásia, atravessaram a Palestina e chegaram às portas do Egito. Heródoto, o historiador grego, registrou esta invasão. Não dependiam da infantaria e de carros bélicos, mas eram cavalarianos que, na conquista, avançavam com rapidez e impetuosidade como ninguém. De acordo com Heródoto, o Faraó egípcio foi bem-sucedido em comprar-lhes a isenção da invasão, ao detê-los de quase conquistarem o reino do Nilo. Diante disso, voltaram para a pátria tão rapidamente quanto vieram.

É provável que tenham seguido a maneira assíria de guerrear nas planícies e, por isso, Judá com sua região montanhosa escapou do ímpeto de seu ataque. Contudo, o perigo abateu o ânimo da população.

C. A Situação Religiosa

Correlacionada aos perigos políticos de fora, estava a decadência ética dentro da nação hebraica. O profeta percebeu que estas eram circunstâncias correlatas. No reinado de Manassés, a verdadeira religião de Jeová fora suprimida e o rei patrocinara uma religião adulterada que incorporava os costumes assírios e seu modo de culto. De acordo com 2 Reis 21.6, Manassés sacrificou seus próprios filhos, erigiu santuários “a todo o exército dos céus” (as deidades astrais dos assírios) na casa do Senhor e reavivou a adivinhação e comunicação com os mortos.

Quando Sofonias entrou em cena, esta influência ainda predominava. O rei Josias começou cedo a servir ao Senhor, mas as reformas atingiram grandes proporções somente em 621 a.C. Portanto, o profeta teria clamado contra a continuação da desgraça espiritual da má influência de Manassés. Para Graham, as declarações de Sofonias são as de “um membro do partido de oposição, um registro das emoções e julgamentos de um puritano, ele próprio de nobre nascimento, que lançara sua sorte junto com os oponentes dos elementos que então dominam a casa do profeta”.³

D. A Natureza do Livro

“O dia do Senhor” é a expressão característica e a principal tônica do livro. Esta prática não era inédita, pois os profetas a usavam com frequência. Nos dias de Amós, a idéia do dia do Senhor estava em voga (Am 5.18). A concepção popular dizia que Deus surgiria em futuro próximo e concederia grande vitória ao seu povo. Portanto, a nação

desejava e clamava pelo dia do Senhor. Era um tipo de concessão automática de bênção que Amós transformou em dia de significação ética. De acordo com ele, o que seria este dia dependeria da condição moral dos judeus. Seria um dia em que Jeová se manifestaria contra o pecado, quer estivesse em seu povo ou entre as nações estrangeiras. “Amós, neste caso, transformou uma idéia popular; e os profetas usaram a expressão neste sentido transformado para denotar o dia em que Jeová se manifestará em sua plenitude para acabar com o erro, a ilusão e o orgulho humano, e dar a vitória final à justiça e verdade”.⁴

É provável que Sofonias se inspire diretamente em Isaías (cf. Is 2.12ss) e conceba o “dia” dominado por um imaginário de guerra e invasão. Esta concepção belicosa deve-se ao fato de as invasões das hordas citas, na Ásia, indicarem ao profeta que o dia estava próximo.

Sofonias faz sua própria modificação no conceito do dia do Senhor. Para os primeiros profetas, tratava-se de uma crise mundial que estava num ponto definido da história. Mas os acontecimentos desse dia são “naturais” e até tumultuosos – depois dos quais a história continua. Sofonias vê isto como um acontecimento final, com a manifestação da intervenção sobrenatural. A interpretação clássica de G. A. Smith é pertinente: “Em suma, com Sofonias, o dia do Senhor tende a se tornar o último dia. Seu livro é o primeiro traço de profecia relacionado com apocalipse: este é o momento em que isto acontece na história da religião de Israel”.⁵

Esboço

I. TÍTULO, 1.1

II. A AMEAÇA DE JULGAMENTO MUNDIAL, 1.2—3.7

- A. A Descrição do Julgamento, 1.2-18
- B. O Julgamento das Nações, 2.1—3.7

III. UMA PALAVRA PARA OS FIÉIS, 3.8-13

- A. Uma Língua Purificada, 3.8,9a
- B. Uma Adoração Purificada, 3.9b,10
- C. Um Remanescente Protegido, 3.11-13

IV. CONCLUSÃO, 3.14-20

- A. Hino de Alegria, 3.14,15
- B. Garantia de Fé, 3.16-18
- C. Promessa de Restauração, 3.19,20

SEÇÃO I

TÍTULO

Sofonias 1.1

O nome Sofonias quer dizer “Jeová esconde” (ver Introdução; cf. 1 Cr 6.36; Jr 21.1; Zc 6.10,14). Há quem suponha que o profeta nasceu durante o “período de matança de Manassés”. Entre os profetas, esta genealogia é a mais detalhada, cujo propósito mais provável era mostrar que ele era de linhagem real.

Sofonias baseava sua autoridade no fato de que falava a **Palavra do SENHOR**. Pode ser que sua descendência natural tenha lhe dado acesso livre aos palácios da realeza, mas a origem sobrenatural da mensagem determinou a urgência, convicção e poder com que foi proclamada.

SEÇÃO II

A AMEAÇA DE JULGAMENTO MUNDIAL

Sofonias 1.2—3.7

A. A DESCRIÇÃO DO JULGAMENTO, 1.2-18

1. *Extensão Universal* (1.2,3)

Esta visitação divina por instrumentalidade humana é de escopo mundial; abrange não só o homem, mas todas as outras criaturas vivas: animais, aves e peixes (cf. Ez 38.19,20).

Este é o anúncio do tema principal, a catástrofe universal, que, em seguida, Sofonias passa a aplicar de forma diversa e para grupos diferentes. O mundo ficou sumamente pecaminoso, bastante parecido com a situação vigente nos dias de Noé, e Deus determinou fazer justiça. Sofonias não sabe o que é misericórdia. “Não há grande esperança em seu livro, quase não existe compaixão e nunca há um vislumbre de beleza. [...] Não existe livro mais explosivo em todo o Antigo Testamento”.¹

Os tropeços com os ímpios (3) é frase difícil que leva certos expositores a considerar que se trata de adição editorial, porque não parece encaixar-se e soa redundante. Mas não existe real motivo para negar que seja da lavra de Sofonias. Como diz Henderson: “A enumeração de pormenores visa aumentar o caráter temeroso e universal do castigo”.

² Em outras partes da Bíblia, os tropeços são usados para referir-se a ídolos, e é apropriado que as causas do pecado moral sejam removidas junto com os pecadores.

2. *Aplicação para Judá* (1.4-13)

a) *Um povo idólatra* (1.4-6). Nesta passagem, o profeta trata de seu povo, visto que o dia da vingança também os afetará. É condição inevitável, por causa da idolatria intensa que Sofonias vê em toda parte, e descreve em detalhes. O **resto de Baal** (4) serve de

argumento para os expositores sustentarem a opinião de que ele profetizou depois de 621 a.C., quando a adoração de Baal fora mutilada pelas reformas de Josias. Mas esta posição deslocaria as outras denúncias a ponto de torná-las impraticáveis.

A Septuaginta traduz a palavra **resto** por “nomes” e muitos entendem que esta é a original.³ Outros acham que significa “até o último remanescente”, ao declarar que a adoração de Baal seria completamente exterminada (cf. NTLH). O baalismo, religião cananéia e fenícia, desempenhou importante papel no colapso religioso do Reino do Norte. Grande parte do Antigo Testamento é ininteligível, sem um conhecimento do conflito entre o baalismo e a adoração do verdadeiro Deus. O baalismo era um culto de fertilidade que promovia práticas imorais em sua adoração e para as quais os israelitas tinham afinidade incomum.⁴

Este **lugar** refere-se a Jerusalém e indica incidentemente que o profeta estava na cidade. Fundamentalmente, temos de ver nesta cidade como o centro da nação tanto em termos políticos como religiosos. Em certo sentido, o que os líderes são, o povo é também. Portanto, um julgamento decisivo da idolatria tem de concentrar-se na cidade.

Os **quemarins** é palavra aramaica que significa “sacerdotes”, usada no Antigo Testamento para aludir somente aos sacerdotes idólatras. Talvez se refira aos ministradores de cultos estrangeiros que foram introduzidos em Israel. Estes, junto com os sacerdotes regulares de Jeová que se corromperam, serão liquidados. O texto de 3.4 dá mais pormenores acerca de tais sacerdotes corruptos. Houve quem sugerisse que incentivavam a idolatria pela indiferença ou inconsistência de conduta, ou ambos.

A frase **os que sobre os telhados se curvam ao exército do céu** (5) refere-se ao culto às deidades astrais assírias que entraram em Judá durante o péssimo reinado de Manassés (cf. 2 Rs 21.3). As passagens de Deuteronômio 4.19 e 17.3 proíbem vigorosamente tal prática. Nesta falsa adoração, as pessoas ofereciam incenso e libações nos telhados planos, os quais, em uma casa oriental, são lugares habituais de atividade e naturais para adorar os corpos celestes. Smith-Goodspeed traduz a frase assim: “E os que se prostram nos telhados”.

O **exército do céu** abrange todos os corpos celestes – o sol, a lua e as estrelas. Alguns eram objetos especiais de adoração. A passagem de Jó 31.26-28 descreve como se fazia esta adoração. Na visão que Ezequiel teve na Babilônia, ele viu este tipo de adoração ser praticado no Templo pelos sacerdotes (Ez 8.15-18). A prática restringia-se a Judá (não era praticada em Israel), porque era resultado da influência estrangeira e o Reino do Sul era vassalo do Império Assírio.

Os **que se inclinam jurando ao SENHOR** prestam lealdade a Jeová, mas também **juram por Malcã**, o deus nacional dos amonitas. Trata-se de lealdade dividida, a qual todos os profetas de Jeová censuram. A pronúncia correta é “Milcom” de acordo com a Septuaginta e outras traduções (cf. ARA). Certos estudiosos acham que se refere a Moloque (cf. NVI), o deus fenício cuja adoração desumana (2 Rs 23.10; Jr 7.31) prevalecia nos dias de Sofonias.

Vários tradutores vertem **Malcã**, “seu rei”. Embora com a boca prestassem cultos a Jeová, eles honravam Moloque como rei. Jurar por uma deidade significa confessá-la publicamente, ou seja, comprometer-se abertamente a seu serviço. Jesus condenou em termos bem claros esta lealdade e serviço dividido: “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6.24).

O versículo 6 menciona duas outras classes de pessoas incluídas no julgamento: os desviados e os indiferentes. **Os que deixam de andar em seguimento do SENHOR** eram indivíduos que, evidentemente, tinham seguido a Deus, mas agora se desviaram. **Os que não buscam ao SENHOR** eram pessoas que não se importavam com as coisas de Jeová. **Nem perguntam por ele** significa muito proximamente “cultuar no Templo”. É semelhante ao salmo 10.4, que pode ser parafraseado assim: “O ímpio de semblante orgulhoso não vai à igreja”.⁵

Temos, então, três tipos de pessoas que estão sob o julgamento do Senhor e correm perigo em “o dia do Senhor”: 1) Os indiferentes que levam a vida sem se preocupar com as coisas espirituais; 2) Os desviados que se afastaram de uma experiência anterior; e 3) os divididos que com a boca dizem servir a Deus, mas ao mesmo tempo honram outro deus como rei de suas vidas e não prestam submissão total ao Senhor. Ou Jeová é o Senhor de tudo ou não é o Senhor de nada.

b) *Os membros da corte e da casa do rei são condenados* (1.7,8). **Cala-te** (7) é, literalmente, “silêncio”. O mesmo termo é usado em Habacuque 2.20. Em virtude da aproximação do julgamento, o profeta convoca todos a serem reverentes como parte dos preparativos do encontro com Deus. **O dia do SENHOR** é termo técnico (ver introdução) para denotar o julgamento que se aproxima, que é o principal tema de Sofonias. Sua mensagem central pode ser resumida na frase: **O dia do SENHOR está perto**. Este é o dia em que Deus se manifestará como Juiz. Não é mero dia de calamidade, mas trata-se de uma ocasião especial, a manifestação plena e final de Deus.

Este dia é visto sob o simbolismo de um grande **sacrifício**, e os **convidados** se preparam para desempenhar o papel. **Santificou** ou “consagrou” (NVI). Não está absolutamente claro quem são os **convidados**, mas pelo visto é o bando ameaçador do Norte que ao longo do livro permanece indeterminado. Provavelmente são os citas que Sofonias tinha em mente. Talvez as vítimas não sejam todas nomeadas, mas, pelo menos, as classes altas estão incluídas (8). O paralelo do Novo Testamento é Apocalipse 19.17-21, onde os urubus são convidados a participar da “ceia do grande Deus” para comer “a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes”.

Depois da primeira frase do versículo 8, volta a forma de discurso na primeira pessoa e a descrição do julgamento prossegue com a listagem de quem será castigado.

É possível que os **filhos do rei** sejam menção à descendência de Josias. A maioria dos estudiosos entende que é alusão geral à casa do rei, visto que na ocasião os seus filhos deviam ter só uns dez anos ou 12 anos de idade (2 Rs 23.31-36). A Septuaginta faz a leitura “casa” em lugar de **filhos**. São palavras comumente trocadas.⁶

Vestidura estranha é mais bem traduzida por “roupas estrangeiras” (BV; cf. ARA). Esta é outra indicação de que se trata do reinado de Manassés quando costumes assírios, inclusive a roupa, tomaram conta da nação. Para os verdadeiros hebreus, a adoção da moda assíria simbolizava a aceitação da cultura e religião estrangeiras. Por conseguinte, era corretamente condenado como traição da fidelidade a Jeová.

“A roupa que eles usam revela a natureza de seu ideal. Eles não hesitam em entregar suas características nacionais distintivas ao desejo de tornar a si e a nação parte integrante dos povos vizinhos”.⁷

Há muitas maneiras de interpretar a frase: **Todos aqueles que saltam sobre o umbral** (9), que pulam por cima do limiar da porta. Certos intérpretes dizem que a chave está em 1 Samuel 5.5, onde fala sobre o hábito que os sacerdotes filisteus tinham de evitar pisar no limiar do Templo, porque o ídolo, Dagom, tinha caído em cima. Tornara-se hábito supersticioso que também mostrava comprometimento com a idolatria filistéia.

Contudo, a maioria dos estudiosos inclina-se a uma interpretação fundamentada mais no próprio texto, que indica ação violenta. Se for ligada ao restante do versículo, a frase dá a entender invasão forçosa da privacidade das casas para roubar e saquear.

c) *Os comerciantes e mercadores são aniquilados* (1.10-13). O versículo 10 amplia o escopo do julgamento em Jerusalém, mostrando que **far-se-á ouvir uma voz de clamor** de todos os bairros da cidade, não só do palácio real. A **Porta do Peixe** ficava na zona norte de Jerusalém. É provável que a significação desta referência seja que é desta direção que virá o ataque. A **Porta do Peixe** é mencionada em Neemias 3.3 e tem este nome porque os homens de Tiro vendiam peixes secos no mercado e entravam na cidade pelo muro norte.⁸

Um uivo desde a segunda parte pressupõe outro lugar. G. A. Smith traduz **segunda** por “mishneh”, e observa que significa a segunda cidade ou a cidade nova. Por isso, Smith-Goodspeed traduz por “a cidade nova” (cf. “cidade baixa”, ARA; ECA). Pelo visto, é alusão a uma segunda divisão da cidade recentemente aumentada (cf. “novo distrito”, NVI). O texto de 2 Crônicas 33.14 informa que Manassés construiu um muro externo que ia até a Porta do Peixe; a “cidade nova” pode ter sido o nome da área que abrangia este muro. A cidade só podia se expandir no lado norte com o preço da vulnerabilidade ao ataque.

Os **outeiros** não se referem a todos os morros próximos a Jerusalém, mas àqueles sobre os quais foi construída a zona norte da cidade. **Grande quebranto** significa “estrondo alto”, o barulho do qual ressoa os morros.

Mactés (11) é provavelmente a depressão entre os morros ocidentais e orientais. Literalmente, é “o moinho”, mas em Juizes 15.19 é traduzido por “caverna” (cf. “cavidade”, ARA; “buraco”, NTLH). Supõe-se que era o local de férias dos comerciantes e sujeito à invasão por inimigos provenientes do norte. Também foi identificado com o “bairro fenício” de Jerusalém (Driver). O termo literal, “o moinho”, quer dizer “lugar de trituração”. Talvez haja ligação entre o nome e o destino dos habitantes. É o local onde serão triturados pelo inimigo.

Considerados juntos, estes quatro locais abrangem a vida comercial da cidade. A parte final do versículo 11 é outra indicação a esse respeito: “Todos os que pesam prata” (ARA).

O **povo de Canaã** é tradução literal do hebraico, e assim traduz Smith-Goodspeed. “Comerciantes” (BV) é paráfrase correta, porque os cananeus (fenícios) eram excelentes vendedores na Palestina. Este fato levou o termo a ser usado para denotar “comerciante”.⁹

O versículo 12 é um resumo que descreve o Senhor que revista a cidade de Jerusalém para fazer a verdadeira justiça nos responsáveis pela indiferença espiritual da época. Não está claro se Sofonias quis dizer que os invasores seriam o instrumento do Senhor para procurar os transgressores escondidos. Seja como for, as pessoas envolvidas

são os indiferentes que não cuidam dos interesses públicos. Nos quadros de Sofonias, os pintores desenham a cena de um santo que leva uma lanterna.¹⁰

Assentados sobre as suas fezes (12) é metáfora surpreendente. **Assentados** não está corretamente traduzido. Tradução melhor é “engrossados” ou “congelados” (cf. Êx 15.8: “coalharam-se”, RC; “congelaram-se”, NTLH; “ficou duro como gelo”, NVI). A imagem é tirada da produção vinícola. Durante o processo, o vinho era vertido de recipiente em recipiente (ver Jr 48.11,12) e deixado em suas **fezes** (“borra”, ARA) o tempo suficiente para dar cor e corpo. A menos que fosse tirado ou decantado, o vinho engrossava e ficava muito doce. Por conseguinte, “engrossar na própria borra” tornou-se provérbio que indica indolência, indiferença e mente confusa.¹¹

Judá estava espiritualmente entorpecido pela segurança. Quem deveria ser líder estava acomodado numa existência egoísta e inativa, e nada fazia acerca da situação vigente no país. Era um panorama tão contemporâneo quanto alarmante. Quer para o bem, quer para o mal, achavam que Deus não ia agir. Para eles, a deidade estava ausente ou adormecida – um ateísmo prático. A situação lembra o que disse Ernst Renan: “Na realidade, nunca chegou a ser confirmado pela observação que um ser superior se incomode, para fins morais ou imorais, com as coisas da natureza ou os assuntos do gênero humano”.¹² Certo teólogo contemporâneo fez uma declaração incrédula bem parecida: “Não podemos enfrentar nosso tempo se permanecermos ligados a um Deus que há muito não aparece no tempo e no espaço. É precisamente na determinação voluntária da morte de Deus que podemos estar abertos a nosso tempo”.¹³

No versículo 12, temos a “apatia criminal das classes prósperas assentadas no bem-estar físico e na indiferença religiosa” que desencadeou o comentário clássico de G. A. Smith: “As grandes causas humanitárias e de Deus não são derrotadas pelos ataques violentos do diabo, mas pela massa lenta, esmagadora e glacial de milhares e milhares de indiferentes joões-ninguém. As causas de Deus nunca são destruídas por seres explosivos mas por seres tirânicos que nada fazem além de permanecerem sentados inertes”.¹⁴

Em seguida, ocorre outra denúncia destes indivíduos apáticos. A expressão: **Edificarão casas, mas não habitarão nelas** (13), indica ruína. As coisas que, em sua comodidade, esperavam desfrutar, lhes seriam arrancadas; não aproveitariam o fruto dos seus trabalhos.

3. Aplicação mais Ampla (1.14-18)

No versículo 7, o profeta apresentou o **dia do SENHOR**. Os versículos 14 a 18 desenvolvem esta figura e pintam os horrores do **grande dia** (14) que está próximo. O detalhe surpreendente foi provavelmente extraído da invasão das hordas citas que surgiram no norte da Ásia. Esta visão parece assumir proporções mais universais que a precedente, a qual foi dirigida especificamente para Jerusalém. O **dia** aqui não é tanto uma medida de tempo como expressão de uma crise extrema.

O **dia** está muito próximo e chega depressa. O mundo natural e a ordem política terão de sofrer perturbações. “O profeta espera um dia em que a ordem internacional corrupta se decompore no conflito confuso e autodestrutivo de seus vários elementos e será eliminada pelas manifestações calamitosas das forças da Natureza”.¹⁵

Taylor mostrou que uma arrumação simples das letras numa linha do texto massorético muda parte do versículo 14 em uma leitura diferente e mais clara, sem

adulterar o texto original.¹⁶ A frase: **A voz do dia do SENHOR; amargamente clamará ali o homem poderoso**, fica assim: “Mais rápido que um corredor, o dia do Senhor, e mais veloz que um guerreiro” (cf. Moffatt).

A descrição que Sofonias faz sobre o **dia do SENHOR** (15,16) é muito parecida com o texto de Joel 2.2 e Amós 5.20. Mas a narrativa de Sofonias é mais completa e dá maior destaque ao fato de este ser um dia de ira. O original hebraico é um poema que não há como reproduzir adequadamente em tradução. Mas mesmo numa versão percebemos o espírito tumultuoso e a atmosfera aterrorizante que os ouvintes devem sentir. Moffatt traduz assim:

*Um dia de ira, aquele dia, de dor e aflição,
Um dia de tensão e angústia, escuridão e tristeza,
Um dia de nuvens e relâmpagos,
Um dia de toques de trombeta e brados de guerra,
Contra as torres fortificadas e os baluartes altos.*

A vida das pessoas não terá valor: **O seu sangue se derramará como pó, e a sua carne, como esterco** (17). Os bens materiais não lhes darão proteção: **Nem a sua prata nem o seu ouro os poderá livrar** (18). A frase final do versículo 18 tem esta leitura literal: “Pois um fim, certamente uma destruição terrível [ou súbita] ele fará”. Uma devastação universal marcará este dia final, quando Deus “dará fim repentino a todos os que vivem na terra” (NVI).

B. O JULGAMENTO DAS NAÇÕES, 2.1—3.7

1. A Convocação (2.1-3)

Este apelo é dirigido a Judá, o povo de Sofonias. As palavras iniciais: **Congrega-te, sim, congrega-te** (1), são difíceis de interpretar. Podemos entendê-las com o significado semelhante a “readquire o domínio de ti mesmo”, “reanima-te”, “recompõe-te”, “controla-te”, sentido que Eaton apóia (cf. ARA; NTLH). Porém, a palavra principal é formada pelo termo “restolho” (a palha que fica no campo após a colheita) e usada no sentido de ajuntar. Ao empregar outro possível radical, Ewald oferece esta leitura: “Empalidece”, o que se ajusta ao contexto.¹⁷

A profecia diz que Judá é **nação que não tem desejo**. Talvez tenha ligação com um radical aramaico que significa “incolor, descolorido”, daí “pálido”. A nação não “empalidece”; por conseguinte, não se envergonha¹⁸ (“povo sem-vergonha”, NTLH; cf. ARA). Esta é uma convocação para Judá conscientizar-se da tragédia que o aguarda e aproveitar-se do tempo que ainda há para arrepender-se antes que chegue a tempestade. **Antes que saia o decreto** (2) refere-se à ordem do julgamento divino. Antes que produza os frutos da destruição, as pessoas são exortadas a buscar **o SENHOR** (3).

A Septuaginta elucida a frase difícil de entender: **Antes que o dia passe como a palha** (2), ao traduzi-la por: “Antes que vos torneis como palha suspensa do chão pela ação do vento”. De acordo com Davidson, a frase hebraica da última metade do versículo sugere, literalmente: “Antes que o dia fixado por Deus surja subitamente do ventre escu-

ro do futuro”. Há um discurso cumulativo e retórico nestas declarações que conduzem ao apelo expresso no versículo 3. Esta convocação é dirigida aos **mansos da terra**. Há esperança que alguns escapem do dia da vingança. Talvez, estes mansos sejam o resto que desempenha importante papel no pensamento de Isaías. Mesmo aqui, não há garantia absoluta de libertação, apenas uma possibilidade: **porventura**. Estes humildes que obedecem aos mandamentos devem buscar ao Senhor, porque o dia da dificuldade aproxima-se velozmente. Smith nota a “ausência total da menção da misericórdia divina como causa de libertação. Sofonias não tem um evangelho desse tipo. As condições de fuga são rigorosamente éticas – mansidão, a conduta da justiça e da retidão”.¹⁹

Em 1.14 a 2.3, vemos o quadro que Sofonias pintou sobre “o grande dia do Senhor”. Tem dois lados: 1) A mão pesada da justiça de Deus trará terror, 14; ira, 15; e destruição, 16; por causa do flagrante pecado, 17; e da confiança nas riquezas, 18; 2) A grande esperança na misericórdia de Deus: em sua longanimidade, 2; em dar oportunidade para buscá-lo em mansidão, obediência e retidão, 3 (W. T. Purkiser).

2. *Oráculos contra Nações Estrangeiras* (2.4-15)

Quatro nações pagãs foram escolhidas como exemplos dos julgamentos iminentes. Duas são pequenas e estão perto de Judá. Os filisteus, mencionados em primeiro lugar, estão na verdade na Palestina. As outras duas são grandes e estão longe. A Assíria, mencionada por último, era a grande ameaça ao povo de Deus nos dias de Sofonias. Esta nação destruíra o Reino do Norte e conduzia o Reino do Sul à ruína. As quatro são inimigas de Israel em direção ocidental, oriental, sul e norte (ver mapa 1).

a) *Os filisteus* (2.4-7). Estavam na mesma posição que os israelitas, porque se situavam no caminho entre as grandes potências militares da Mesopotâmia e do Reino do Nilo. Eram ameaçados constantemente por exércitos adversários que empreendiam viagens de conquista. As quatro cidades mencionadas (ver mapa 2) eram os principais baluartes que restaram dos filisteus. **Asdode... será expelida** (4) “sugere que a expectativa de Sofonias era que o ataque militar seria violento, súbito e fatal”.²⁰ Não há que duvidar que o profeta ainda tem em mente os citas invasores. **Ao meio-dia** é a hora em que os moradores de países tropicais têm o hábito de passar o tempo ociosamente; portanto, ficam desprevenidos.

Os filisteus são os **habitantes da borda do mar** (5), e viveram junto ao mar Mediterrâneo desde aproximadamente 1200 a.C., quando invadiram a região. Migraram das ilhas mediterrâneas, inclusive de Creta, cujo termo **quereteus** está relacionado.

Eaton sugere que **Canaã** é mais que designação do distrito. É, talvez, descrição do comércio ganancioso associado aos cananeus. Ele oferece esta possível tradução: “Uma Canaã (terra de comerciantes ambiciosos) é a terra dos filisteus”.²¹ A terra será despovoadada e despojada de seu esplendor. Suas cidades outrora grandes se tornarão **cabanos para os pastores e currais para os rebanhos** (6).

No versículo 7, Sofonias promete que este país adjacente a Judá será possuído pelo **resto da casa de Judá**. Há duas coisas específicas que Deus fará por esses judeus. Primeiro, os **visitará**. Esta palavra significa, literalmente, “voltar a atenção para” (cf. “atentará para eles”, ARA). O mesmo termo é usado em 1.8, onde foi traduzido por “castigarei”. O significado é que, quando Deus presta atenção em um povo, os resultados são dependentes

da condição espiritual dessa nação. É muito semelhante às reações diversas que o pai causa nos filhos quando volta para casa; cada um reage de acordo com a fidelidade em guardar as ordens paternas. Quando Deus prestou atenção em Jerusalém (1.8) e viu sua maldade, o resultado foi o castigo. Quando o Senhor prestar atenção no **resto** justo, o resultado será a libertação. A segunda coisa que Deus promete para Judá é: Ele **reconduzirá os seus cativos**. Esta não é necessariamente referência ao exílio, embora possa ser predição legítima da volta do cativo. Muitos comentaristas interpretam que esta é uma promessa da volta a um estado original do paraíso, à restauração de uma condição feliz anterior. Por isso, Smith-Goodspeed traduz a frase assim: “[Ele] lhes restabelecerá a sorte” (cf. NTLH).

b) *Moabe e Amom* (2.8-11). A profecia anuncia que **Moabe e Amom** (8) serão condenados, porque difamaram e insultaram Israel, e **se engrandeceram contra** ele. Esta inimizade é mencionada em Amós 1.13-15 e 2.1-3. Estes povos viviam imediatamente a leste de Canaã (ver mapa 2). Nunca foram particularmente amigáveis, e quando as tribos orientais ficaram fracas, tomaram posse dos territórios de Rúben e Gade. Eles **se engrandeceram contra o seu termo** significa, literalmente: “Eles alargaram [a boca arrogantemente] com relação às suas fronteiras”, ou seja, vangloriaram-se de que iam anexar a terra de Israel ²² (cf. NTLH).

Como castigo, seu país seria devastado como **Sodoma e Gomorra** (9), exemplos bíblicos de destruição absoluta. A terra ficaria cheia de **urtigas**, planta característica de solos improdutivos e salgados, e de campos sem plantação. O lugar seria transformado em **poços de sal**. “O sal para Jerusalém ainda hoje é obtido em grande parte deste distrito. Eles cavam poços na areia ou no lodo da praia, deixam que as águas do mar Morto os encham e depois esperam até que sequem”. ²³

Sofonias deixa claro que Moabe e Amom estão em dificuldade, porque menosprezaram o **povo do SENHOR dos Exércitos** (10). A frase: **Aniquilará** (emagrecerá) **todos os deuses da terra** (11), significa que o Senhor os enfraquecerá a ponto de não poderem defender seus adoradores.

c) *Etiópia* (2.12). Esta breve declaração é difícil de situar. Douglas sugere que é como se o profeta tivesse dito: “Também vós, ó etíopes! Não, não posso me dirigir a vós; vós estais mortos e decompostos: são *eles* que foram mortos por minha espada”. ²⁴ Certos estudiosos pensam que este versículo se refere ao Egito, que é chamado Etiópia (Cuxe), por causa de sua longa sujeição às dinastias etíopes. ²⁵ Nos dias de Ezequias, muitos que habitavam em Jerusalém puseram a esperança e confiança no rei da Etiópia, que reinava no Egito, para que derrotasse a Assíria. ²⁶

d) *Assíria* (2.13-15). Esta descrição da destruição de Nínive só é igualada pela eloquência inflamada de Naum, à qual está estreitamente relacionada. Este é o oráculo culminante e, provavelmente, o principal, visto que no tempo de Sofonias a Assíria era o colosso do mundo antigo e começava a fraquejar (ver Introdução). O cumprimento deste oráculo seria o fim de uma época.

Nínive ficava a 804 quilômetros a nordeste de Judá (ver mapa 1). A profecia anuncia que essa nação viria do Norte, porque o exército atravessaria o rio Eufrates no grande vau de Carquêmis, 483 quilômetros a oeste de Nínive, e, portanto, chegaria à Palestina pelo norte. ²⁷

O **pelicano** (14) é criatura selvagem que certos intérpretes acham que se trata do mesmo animal mencionado no salmo 102.6. É mencionado na lista de aves imundas em Levítico 11.18 e Deuteronômio 14.17. Também é traduzido por “coruja” (NTLH), “coruja do deserto” (NVI) e “gralha” (Smith-Goodspeed). O **ouriço** também é traduzido por “corvos” (NTLH), “mocho” (NVI) ou “porco-espinho”, um animal tímido e solitário, que poderia fazer sua toca entre as ruínas desoladas.

Este é um quadro de desolação e morte. A grande cidade que outrora se deleitava em esplendor, agora é abrigo de animais selvagens. Seu canto fúnebre narra detalhadamente os pecados que a levaram à beira da destruição (15, NVI).

*Essa é a cidade que exultava, vivendo despreocupada,
E dizia para si mesma: “Eu, e mais ninguém!”
Que ruínas sobraram! Uma toca de animais selvagens!
Todos os que passam por ela zombam e sacodem os punhos.*

Compare esta subdivisão que trata da Assíria com a denúncia de Nínive apresentada em Naum.

3. *Mais uma Palavra para Jerusalém* (3.1-7)

Ao dar atenção às nações estrangeiras, o profeta se volta novamente para sua pátria na proclamação de seus oráculos e fala para sua própria cidade. Jerusalém é uma metrópole **rebelde** e contaminada, porque está cheia de opressão. A palavra traduzida por **manchada** (1) significa marcada de sangue e também ocorre em Isaías 59.3 (cf. NTLH). Em grande parte, são as classes dominantes que estão moralmente podres (3), ou seja, são corruptas e desonestas. Jerusalém não pode ser poupada do julgamento de Deus.

Os versículos 1 e 2 falam que a natureza fundamental do pecado é rebelião contra Deus. Vemos isto especialmente nas palavras: **Não confia no SENHOR** (2). O pecado é auto-idolatria; quem não confia inteiramente no Senhor faz uma negação básica da fé. Repare nesta tradução (NVI):

*Não ouve a ninguém,
E não aceita correção.
Não confia no Senhor,
Não se aproxima do seu Deus*

Esta é uma paráfrase do versículo 3: “Seus líderes são como leões que rugem, os quais caçam suas vítimas e destroem tudo o que podem. Seus juízes são como lobos famintos a cair da noite, que ao chegar a madrugada, já devoraram até os ossos de suas vítimas” (BV).

Até os líderes espirituais fracassaram em sua função. Os **profetas são levianos e criaturas aleivasas** (4). Como diz Henderson: “Os seus profetas são pessoas vangloriosas e hipócritas”.²⁸ **Levianos** aqui significa orgulhosos e precipitados na afirmação e ação. “Em vez de serem declarantes humildes da vontade de Deus, procuravam verbalizar as próprias idéias”²⁹ São pessoas **aleivasas** (traíçoeiras [cf. ECA], não confiáveis), porque entregavam suas próprias imaginações como revelações de Deus.

Os **sacerdotes profanaram o santuário**. A palavra **santuário** é tradução incorreta. A versão correta é esta: “Os seus sacerdotes profanam o que é sagrado” (RSV). A função deles era serem “guardiões da santidade para darem condições ao encontro entre Deus e o homem na adoração”.³⁰ Mas, ao invés disso, tinham se tornado mundanos, não faziam distinção entre o santo e o profano e torciam o significado da lei – a Torá (cf. Hc 1.4).

Como Deus pode ser justo e, ao mesmo tempo, deixar passar estas corrupções? O fato de o **SENHOR** (5) que é **justo** estar **no meio** dos seus torna a conduta deles até mais repreensível. Pelo visto, a frase: **Ele não comete iniquidade** é dirigida especialmente aos sacerdotes imundos, cujas interpretações errôneas da lei negavam este aspecto da natureza de Deus.

A **cada manhã**, a luz do dia testemunha a fidelidade de Deus nas leis da Natureza; e o Senhor é igualmente fiel na administração das leis morais do Universo. Mas parece que nada comove o **perverso** (“o injusto”, ECA). As provas claras do governo moral de Deus não estimulam os israelitas insensíveis à ação. Nem mesmo a visitação do julgamento em outras nações (6,7) abala seu descuido e indiferença. O Senhor diz: **Certamente me temerás** (7), mas os resultados foram justamente o oposto. **Eles se levantaram de madrugada e corromperam todas as suas obras**. Ou conforme esta versão: “Eles se esforçaram ainda mais para fazer tudo o que é mau” (NTLH).

Em 3.1-7, vemos “a preocupação de Deus pelos negligentes”. 1) Uma mensagem para as pessoas que outrora conheceram Deus, 1; 2) A natureza do pecado, 2; 3) A apostasia não faz acepção de pessoas, 3,4; 4) Deus é fiel em avisar, 5,6; 5) O Deus que busca sempre espera que haja arrependimento, 7ab; 6) A pessoa pode persistir no pecado apesar de tudo o que esse amor divino possa fazer, 7c (A. F. Harper).

SEÇÃO III

UMA PALAVRA PARA OS FIÉIS

Sofonias 3.8-13

Este versículo é uma chamada à paciência, até que Deus se levante para julgar as **nações** (8). São palavras introdutórias da promessa contida nos versículos 9 a 13. Quanto a **levantar para o despojo**, a Septuaginta tem esta tradução: “levantar para testemunhar” (cf. NVI). Se estiver correta, significa que Deus é testemunha contra as **nações**. Elas serão reunidas para o dia da **indignação**, quadro repetido muitas vezes nos escritos proféticos (Is 66.16; Jr 25.31,33; Ez 38 e 39; Jl 3.11-16). Trata-se de uma proclamação do castigo universal.

O profeta passa a falar uma palavra mais favorável e vê a conversão das nações. Ainda é o dia do Senhor, mas está em seus aspectos positivos. Em seu quadro total, o dia é primeiramente de julgamento e depois de bênçãos. Vários casos definem especificamente que tais promessas são o derramamento do Espírito Santo.

A. UMA LÍNGUA PURIFICADA, 3.8,9a

Porque, então, darei lábios puros aos povos (9a), não especifica claramente a atividade divina para que ocorra o derramamento do Espírito. Esta tradução é mais compreensível: “Naquela época, mudarei a língua dos povos em uma língua purificada” (RSV). O original hebraico diz, literalmente, “lábio”, cujo significado natural é entendido por “idioma”, discurso ou **linguagem** (9), visto que os lábios fazem parte do conjunto dos órgãos da fala. A palavra hebraica traduzida por **puros** é, literalmente, “purificados”. Mais uma vez a profecia anuncia que a obra divina ocorre através da agência divina. O povo de Deus tem de ser “purificado”.

A fala é símbolo da condição interior. No Templo, Isaías clamou: “Eu sou um homem de lábios impuros” (Is 6.5), e Deus respondeu: “A tua iniquidade foi tirada, e purificado o teu pecado” (Is 6.7). Temos aqui a promessa de um coração purificado que se expressa através de uma língua purificada. Desta forma, o dia do Senhor recebe seu foco característico do Novo Testamento – a vinda do Espírito santificador.

B. UMA ADORAÇÃO PURIFICADA, 3.9b,10

O resultado da língua purificada era uma adoração santificada: **Para que o sirvam com um mesmo espírito** (9; cf. “de comum acordo”, ARA), literalmente, “com um ombro”. A tradução da Septuaginta é: “sob um jugo”. Isto é compreensível em termos do coloquialismo contemporâneo: “ombro a ombro”. É muito próximo da oração que Jesus fez para que os discípulos, em consequência da santificação, fossem um (Jo 17.21).

Estes adoradores purificados virão dos cantos mais remotos da Terra. Os intérpretes entendem **Etiópia** (10) de diversas maneiras. Talvez a interpretação mais correta seja considerá-la tipo das nações distantes, os limites do mundo conhecido em direção sul.

O restante do versículo é ainda mais difícil de entender: **Os meus zelosos adoradores, a filha da minha dispersão, me trarão sacrifício**. Certa interpretação diz que as nações convertidas devolverão o povo espalhado de Deus, os judeus, como oferta ao Senhor. Assim, os pagãos dão provas práticas de sua conversão, ao libertarem os israelitas que tinham prendido.¹ Este ponto de vista é apoiado por Isaías 66.20.

C. UM REMANESCENTE PROTEGIDO, 3.11-13

A segurança dos judeus que compõe o **remanescente** será garantida pela remoção dos orgulhosos e arrogantes do meio deles. Em contraste com o versículo 5, onde “o perverso não conhece a vergonha” (ver comentário ali), este **remanescente** purificado não precisará se envergonhar. Por quê? Porque o pecado, a fonte da verdadeira vergonha, foi afastado. O povo tem de ser como o seu Senhor, que não peca (cf. 5). Diferentes dos orgulhosos (2) que não confiam em Deus, os humildes **confiarão no nome do SENHOR** (12). “Eles foram colocados em um mundo transfigurado que está fora do alcance da ruína da antiga ordem, e foram tão purificados e aperfeiçoados diante de Deus, que, sem exagero, podem ser chamados novas criaturas”.²

Há intérpretes que sugerem que Isaías 53.9 estava na mente de Sofonias quando descreveu que o remanescente não tem **língua enganosa** (13). A profecia de Isaías dá a característica do Servo sofredor: “Nem houve engano [logro, fraude] na sua boca”. Esta passagem é nitidamente messiânica e, como Isaías, Sofonias deseja comparar o povo com o Messias.

SEÇÃO IV

CONCLUSÃO

Sofonias 3.14-20

A. HINO DE ALEGRIA, 3.14,15

Estes versículos espelham a alegria dos redimidos na presença do Senhor, que promete estar no meio deles. Esta é a libertação final, a era de ouro que é o clímax do dia do Senhor. Os verbos estão no profético perfeito; os acontecimentos, embora estejam no futuro, são apresentados como se já tivessem acontecido.

Há três motivos para alegrar-se:

1) **O SENHOR afastou os teus juízos** (15). Estes **juízos** são os julgamentos sofridos por Israel no decorrer de toda a sua história. Sofonias, junto com Isaías, vê que nesse dia “já a sua servidão é acabada, que a sua iniquidade está expiada” (Is 40.2).

2) **O SENHOR... exterminou o teu inimigo**. Note que esta promessa e predição estão no singular. O principal inimigo de Israel era a transgressão no procedimento e o pecado no coração. É totalmente possível que Sofonias tenha visto que esta consumação final é também a vitória sobre as dificuldades de Israel, “um coração vagante”. O verbo hebraico traduzido por **exterminou** (15) é igual ao termo traduzido por “preparai”, em Isaías 40.3, e significa “tirar os entulhos”, ou desobstruir o caminho, ao tirar todos os obstáculos. A retirada do pecado prepara o caminho para uma existência completamente vitoriosa.

3) **O SENHOR... está no meio de ti**. Deus está presente para proteger e, portanto, Israel não precisa mais ter medo. De modo inverso, agora o povo está preparado para ter a presença divina em seu meio, porque o pecado foi tirado.

B. GARANTIA DE FÉ, 3.16-18

Naquele dia, se dirá... Não temas (16). A presença de Deus dá paz de coração. Por conseguinte, a exortação: **Não se enfraqueçam as tuas mãos**, que significa “desalen-

to” ou “queda”. A razão para o encorajamento é que o **SENHOR, teu Deus, que está no meio de ti**, é “um guerreiro vitorioso” (17, Smith-Goodspeed).

Os que estão exilados e entristecidos serão reunidos para a **reunião solene** (18). A palavra hebraica assim traduzida significa “lugar ou tempo determinado”, e aplica-se às ocasiões sagradas do ano judaico.¹ Douglas sugere que “lugar de encontro” é uma ótima tradução. Os judeus que estavam no exílio achavam-se excluídos das grandes festas, mas serão reunidos novamente. A seguinte tradução do versículo reflete este significado: “Eu reunirei os que estão distantes da assembléia solene; eles estarão contigo para que tu não sejas repreendido por causa deles”.

C. PROMESSA DE RESTAURAÇÃO, 3.19,20

“Com um quadro geral dos dias messiânicos, mas sem fazer menção especial ao rei messiânico, o profeta encerra sua profecia”.² A promessa é: “[Eu] os trarei para casa” (20, NVI), com a repetição de 2.7: **Quando eu reconduzir os vossos cativos** (20). Acontecerá em seus dias.

O salmo conclusivo de Sofonias exalta o Senhor como “poderoso para salvar”, 17. O poder de Deus para salvar é a base para que o seu povo tenha: 1) Alegria, 14; 2) Proteção, 15; 3) Confiança e zelo, 16; 4) Restauração, 18,20; e 5) Realização, 19 (W. T. Purkiser).

Moffatt pôs a promessa em movimento na forma poética:

*Eu tratarei com todos os vossos opressores,
E reunirei os vossos desterrados, resgatarei os aleijados,
Erguê-los-ei de sua vergonha
Para um louvor e fama mundiais,
Quando eu vos trazer para casa,
Quando eu vos fizer bem;
Pois eu vos concederei louvor e fama
Entre todas as nações do mundo,
Quando eu virar as vossa sorte
Bem diante de vossos olhos –
Esta é a promessa do Eterno.*

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ C. L. Taylor, “Zephaniah” (Introduction), *The interpreter’s Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 1009.
- ² G. A. Smith, “The Book of the Twelve Prophets”, *The Expositor’s Bible*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. II (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1896), p. 26.
- ³ William C. Graham, “Zephaniah”, *Abingdon Bible Commentary*, editado por Frederick Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 810.
- ⁴ S. R. Driver, “The Minor Prophets”, *The New Century Bible*, editado por Walter F. Adeney, vol. II (Nova York: Oxford University Press, 1906), p. 115.
- ⁵ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 49.

SEÇÃO II

- ¹ G. A. Smith, “Zephaniah”, *The Expositor’s Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1896), p. 48.
- ² Ebenezer Henderson, *The Book of the Twelve Minor Prophets* (Nova York: Sheldon & Company, 1864), *ad. loc.*
- ³ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 58.
- ⁴ Consulte verbetes sobre “baalismo” em enciclopédias e dicionários bíblicos.
- ⁵ C. L. Taylor, “Zephaniah” (Introduction and Exegesis), *The interpreter’s Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. VI (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 1015.
- ⁶ A. B. Davidson, “Nahum, Habakkuk and Zephaniah”, *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*, editor geral A. F. Kirkpatrick (Cambridge: University Press, 1896), p. 114.
- ⁷ S. M. Lehrman, “Zephaniah”, *The Twelve Prophets*, editado por A. Cohen (Londres: The Soncino Press, 1948), onde cita Stonehouse, p. 236.
- ⁸ Lehrman, *op. cit.*, p. 237.
- ⁹ Driver, *op. cit.*, p. 117.
- ¹⁰ Davidson, *op. cit.*, p. 116.
- ¹¹ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 52.
- ¹² Citado em Davidson, *op. cit.*, p. 117.
- ¹³ Thomas J. J. Altizer, “Creative Negation in Theology”, *Christian Century*, 7 de julho de 1965, p. 866.
- ¹⁴ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 54.
- ¹⁵ Graham, *op. cit.*, p. 812.
- ¹⁶ Taylor, *op. cit.*, p. 1.019.
- ¹⁷ Citado em Davidson, *op. cit.*, p. 120.
- ¹⁸ Taylor, *op. cit.*, p. 1021.
- ¹⁹ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 59.
- ²⁰ Graham, *op. cit.*, p. 813.

²¹ Eaton, *op. cit.*, p. 139.

²² Lehrman, *op. cit.*, p. 243.

²³ Driver, *op. cit.*, p. 126.

²⁴ Douglas, *The Intermediate Prophets*, p. 147.

²⁵ G. A. Smith, *op. cit.*, p. 64.

²⁶ Douglas, *op. cit.*, p. 147.

²⁷ Driver, *op. cit.*, p. 128.

²⁸ Henderson, *op. cit.*, *ad. loc.*

²⁹ Driver, *op. cit.*, p. 132.

³⁰ J. H. Eaton, *Obadiah, Nahum, Habakkuk and Zephaniah* (Londres: SCM Press, 1961), p. 147.

SEÇÃO III

¹ Lehrman, *op. cit.*, p. 249.

² Eaton, *op. cit.*, p. 155.

SEÇÃO IV

¹ Driver, *op. cit.*, p. 139.

² Farrar, *op. cit.*, p. 157.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

5

Oséias a
Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Grealhouse

ISBN 85-263-0689-8



9 788526 306899